

Desenvolvimento metodológico de conteúdos

Claudio Nascimento

Esta parte da sistematização do programa FORMACAO INTEGRAL(na Escola Sul), não aborda todos os conteúdos trabalhados; ao contrario, abstrai alguns deles da experiencia e os analisa. Tentaremos seguir as recomendacoes da equipe de sistematização, no que diz respeito à questões sobre conteúdos. Mas, se estes serão explicitados, o elemento principal será a abordagem metodologica destes conteúdos. Mesmo quando explicitamos os conteúdos, deve-se levar em conta que em-si eles são, também, instrumentos metodologicos e, assim, conhecimento aberto a construção dos educandos, a partir de cada experiencia concreta. Tudo isto se refere a abordagem que fizemos do tema projeto de desenvolvimento. Apenas isto, nos levou a explicitar o que chamamos de Escalas de tempo/espaco, logo adiante.

I) Eixos temáticos e conteúdos

A Equipe de Sistematização definiu alguns critérios para a sistematização. O que indica como base para este trabalho é "relato com memória (base narrativa), interpretação e alguma análise ou reflexão. Deve constar nela : conteúdos + tratamento dos conteúdos nos cursos + *ambientação* dos cursos."

Tomaremos estas indicações como eixo do nosso trabalho.

No universo dos eixos temáticos do PFI (Educação-Trabalho e Desenvolvimento-Democracia/Cidadania), destacamos o par Desenvolvimento-Democracia/Cidadania para nossa reflexão. Este par foi desenvolvido, sobretudo, no Modulo 3 do FF. No Modulo 1, este par foi apenas tocado como uma entrada nos temas. Contudo, suas bases foram lançadas no Modulo 1: os Diagnósticos vários construídos pelos próprios educandos sobre suas realidades.

O tema do Desenvolvimento foi abordado numa perspectiva ampla, buscando articular os seguintes aspectos:

ESTADO		Valores: hierarquia, autoridade militar, barbarie, ataque ao meio ambiente Fascismo/nazismo, ditaduras militares	
Esquerdas		direitas	
Valores: igualdade, disciplina, industrialismo, Urbanização, hommo faber Socialismo na URSS/Leste Regimes populistas Socialdemocracia (Europa)			
TRABALHO			CAPITAL
Tipo de sociedade e desenvolvimento: "Povocentrico"		Tipo sociedade/desenvolvimento: "Empresacentrico"	
- desenvolvimento auto-sustentavel - papel do trabalhador faber - socialização da politica - democratização do estado: esfera publica não-estatal - democratização do mercado - valores = soberania, autonomia local, solidariedade, cooperação, comunidade, economia solidaria, hegemonia cultural - ser humano integral		- conservadorismo neoliberal valores= liberdade individual, mercado ,fetichismo mercadoria, industrialismo, urbanismo, hommo	

SOCIEDADE CIVIL

O lado esquerdo representa o campo das esquerdas de diversas matizes;

O lado direito representa o das direitas.

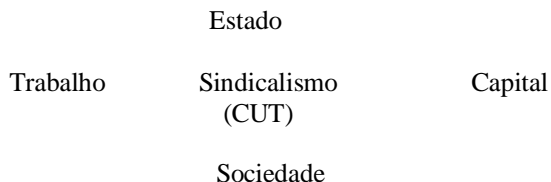
No campo esquerdo /Acima, temos experiencias de desenvolvimento articulando Estado-Trabalho;

No campo direito/Acima, temos experiencias de desenvolvimento articulando Estado-Capital;

No campo direito/Abaixo, temos experiencias de desenvolvimento articulando Capital-Sociedade civil

Enfim, no campo esquerdo/Abaixo, temos o campo ainda-não-vivido historicamente, o da UTOPIA, articulando Trabalho-Sociedade civil.

Esta esquema é adaptado para discussão (no Módulo 1) sobre o sindicalismo brasileiro:



A discussão articula tipo de desenvolvimento no Brasil e etapas do sindicalismo. Assim, por exemplo, ao tipo desenvolvimento agrário-exportador (da escravidão à República varguista) corresponde uma fase heroica (anarco-sindicalista) do movimento sindical. Ao tipo de desenvolvimento "substituição de importações" (1930 -1964), corresponde um sindicalismo institucionalizado (CLT).

Analisamos, em cada etapa, a articulação entre capital (processo de acumulação), estado e sindicalismo (sociedade).

Portanto, pela configuração dada, trata-se de um debate sobre Projetos de Sociedade, ou, projetos de desenvolvimento. Especificamente, foi tratado enquanto Projeto nacional alternativo, quando o situamos historicamente em termos de Brasil.

A questão central é a de situarmos-nos historicamente e traçarmos instrumentos para construção de projetos estratégicos, combinados com instrumentos para análise a curto prazo, análise de conjuntura. Como combinar instrumentos metodológicos que dêem conta, simultaneamente, de *escalas de Espaço* (município, cidade, região, estado, nação, mundo) e de *escalas de tempo* (passado, presente e futuro) ? Como diz Maria da Conceição Tavares, "A luta política tem que estar referida a um espaço-tempo concreto, a um território político organizado, numa dada conjuntura".

Instrumentos que expressem conteúdos sobre o campo dado (Sociedade-estado/Capital/Trabalho); que permitam um desenvolvimento metodológico dos conteúdos na perspectiva de "recriação" pelos educandos, resultando em novos produtos (conhecimentos) e que permitam autonomia em seu uso além da atividade formativa em questão.

O debate sobre a construção de alternativas de desenvolvimento implica um acerto de contas com o passado (um mergulho na história). Implica, também, uma projeção no futuro, e, uma reflexão profunda sobre o momento histórico que vivemos, o presente, a conjuntura ("momento atual").

Combina, assim, o estratégico com o tático, o passado com o futuro, a "História" com o cotidiano, a longa com a curta duração.

Tentaremos narrar como estas questões foram incorporadas e refletir como foram desenvolvidas no PFI da escola Sul. Analisaremos, então, dois aspectos:

- expressar os conteúdos trabalhados no processo;
- narrar o desenvolvimento metodológico destes conteúdos.
- Assinalar as tensões, potencialidades e necessidades ;
- apontar as 'categorias' que emergem no processo (o novo teórico-metodológico).

Nas questões orientadoras elaboradas pela Equipe Sistematização, destaca-se um bloco que incide especialmente sobre nosso tema:

"Como o curso trabalhou os conteúdos na relação com o saber dos educandos e com o conhecimento historicamente acumulado?"

Como resgatou o que os educandos já sabiam sobre os conteúdos tratados e trabalhou isto com o conhecimento historicamente acumulado?

. o curso ofereceu categorias de análise de realidade (relação parte-todo, relação dimensão econômica, política e cultural; relação aparência-essência; entre outras) ?

- . Tem possibilitado a reflexão/revisão de posturas, no sentido de possibilitar a relação de um saber mais local com um saber mais universal?
- . Como foram apresentados os conteúdos?
Enquanto verdades finais, dogmas a serem seguidos?
Qual a abertura que os educandos tiveram no tratamento dos conteúdos para seguir avançando no seu processo de aprendizagem de forma autônoma?
- . Descrevam o ponto de partida de conteúdos fundamentais associados aos eixos trabalhados (trabalho, educação, desenvolvimento, democracia/cidadania).
- . O curso apontou para formas de aplicação do conteúdo pelos educandos? Como ?

Para abordarmos a temática de desenvolvimento (enquanto tipo de sociedade), operamos com a categoria de *tipos de desenvolvimento*, numa perspectiva aberta que implica incorporar os elementos de conhecimento e saber dos próprios educandos e que permite uma aplicação criadora e ativa.

Nesta perspectiva, desenvolvimento qualifica a transformação social de modo integral, incorporando os aspectos econômicos, tecnológicos, sociais, políticos e culturais. Enfim, desenvolvimento integral. A idéia fundamental de que Projeto de desenvolvimento estratégico implica fundamentos políticos, antropológicos, cosmovisao. Um projeto hegemônico não é setorial, ao contrario, é global. Um projeto de sociedade é associado a um projeto de homem, uma opção antropológica etc.

A aplicação criadora deste método construtivo leva a elaboração de modelos de desenvolvimento de curto e longo prazos. Projeto de desenvolvimento como concepção estratégica de um socialismo nacional, criativo, solidário, participativo e autogerido. Nesta abordagem, o projeto de desenvolvimento interpreta em termos objetivos os grandes objetivos da sociedade. A nível mais específico, traduz estes grandes objetivos em projetos específicos com prazos determinados.

A nível de cidadania ativa, enfoca-se projeto de desenvolvimento com seu centro de gravidade no povo, nas necessidades populares, com profunda participação, solidariedade, criatividade, independencia cultural. Uma visão oposta e antagonica seria de desenvolvimento centrado no capital, na empresa.

O método parte da construção de Escalas Históricas, que abordam desde uma "visão global", a evolução das civilizações, passando pelas formações econômico-sociais, ate a visão do cotidiano. A historia é vista através de *escalas temporais* diversas, como nos vários graus de um microscópio. Para começar, definimos as *escalas* com as quais se deve analisar o processo de construir um projeto nacional.

Vejamos estas *escalas*:

- 1) Uma *escala evolutiva*, a mais ampla de todas: a escala da Historia Humana;
- 2) Uma *escala histórica*, onde se estudam os diferentes tipos de Formações Sociais;
- 3) Uma *escala de visibilidade individual*, em que a unidade de tempo é mais ou menos de 25 anos (25 para o passado e 25 para o futuro/mergulho no passado e projeção).É o mínimo que se pode esperar que uma pessoa madura recorde com bastante consciência, para poder tirar conclusões sem a necessidade de consultar versoses jornalísticas ou entender o processo histórico por segunda/terceira mão. Centra na experiência vivida pelos próprios educandos. Implica levar em conta alguns aspectos do perfil da turma; idade, escolaridade, tempo de militância.

O interesse fundamental desta *escala* é que podemos definir o projeto de Desenvolvimento concreto, a um nível mais ou menos pratico, descendo das generalidades como liberdade, justiça social etc. Esta escala nos fornece um quadro de referencia pratico em que podemos traçar estratégias de ação.

As outras escalas são, realmente, muito amplas e, delas não podemos extrair que generalidades. Nesta *escala*, ao contrario, podemos tomar exemplos reais, com nome e sobrenome, datas etc. Por exemplo, em que etapa acha-se o capitalismo e, especificamente, no Brasil? Daí, a necessidade da analise por períodos (de 25 anos), tomando dois ou três períodos para trás e um para frente (projeção), buscando ver quais são as tendências quantitativas e qualitativas nestes períodos em relação a vários problemas (político, tecnológico, econômico, etc) e diversos sujeitos históricos (partidos, movimentos, instituições, etc.).

A análise estratégica necessita de prognosticos de longa duracao; não se trata de futurismo ou advinhacao, mas de vislumbrar de alternativas provaveis para as tendencias futuras, isto é, analise de cenários.

- 4) Uma *escala estratégica*, onde já nos situamos no campo das ações, isto é, determinar o que fazer, definir os grupos sociais etc. Numa escala espacial de ordem local articulada com uma escala de tempo de duração média: o período de uma *gestão municipal*, 3/4 anos. Assim, é uma *escala* para construção de projeto de *Poder local*.

Nas duas dimensões (espaço-tempo), temos que levar em conta o global: uma escala local, contudo, com referência ao global; uma escala temporal curta, porém articulada às escalas anteriores.

Nesta escala o problema fundamental é a ação. Assim, deve se referir a uma situação localizada, uma cidade, uma região.

À estas 4 escalas fundamentais, agregamos outras duas:

- a) uma escala puramente Tática, que já não é mais a "Historia", é o mês passado e o mês que vem, a semana, a política do dia-a-dia, o jornalismo, a mídia. Enfim, uma *escala de conjuntura (momento atual)*;
- b) uma escala também "alem" da "Historia", por ser muito abstrata, uma escala dentro da evolução do universo, uma Escala Cosmico-Universal.

Esquemmatizando para melhor visualização:

Ponta Um	Meio	Ponta dois
Escala cósmica	Evolução Homem Formação Social Estratégica/Projeto Poder local	cotidiano/conjuntura

Portanto, nos conteúdos já temos imbricada a metodologia; pensar o projeto implica pensar também sua aplicação.

Portanto, nos conteúdos já temos imbricada a metodologia; pensar o projeto implica pensar também sua aplicação. Tentemos expressar um pouco dos conteúdos destas escalas.

1) Sobre as escalas da história Humana e a escala Cosmico-Universal, por terem uma complexidade e abstração maiores, são menos abordadas nas atividades, pois, dificilmente conseguiríamos desenvolver instrumentos metodológicos à altura. Contudo, seu tratamento se dá através da discussão e vivência de valores.

Estas escalas mais complexas estão dentro do marco teórico que DARCI RIBEIRO chamou de "teorias da evolução sociocultural" (O Processo Civilizatório). De forma resumida, "a história das sociedades nos últimos dez milênios pode ser explicada em termos de uma sucessão de revoluções tecnológicas e de processos civilizatórios (...) a análise do processo civilizatório geral através da utilização conjunta das noções de revolução tecnológica, como fator causal básico; de formação sociocultural, como modelo teórico de resposta cultural àquelas revoluções, e do conceito de civilização, como entidade histórica concreta cristalizada dentro daquelas formações (...) Concebemos a evolução sociocultural como o movimento histórico de mudanças dos modos de ser e de viver dos grupos humanos, desencadeado pelo impacto de sucessivas revoluções tecnológicas (...) ao desencadeamento de cada revolução tecnológica, ou à propagação de seus efeitos sobre contextos socioculturais distintos, através dos processos civilizatórios, tende a corresponder a emergência de novas formações socioculturais".

Estas escalas mais complexas são fundamentais para a compreensão da revolução de múltiplas dimensões que estamos vivendo atualmente, uma revolução social, política, ecológica, sexual e espiritual. Tal Revolução foi profetizada por Mário Pedrosa nos anos 70, "A crise atual é literalmente mundial. Para compreendê-la é preciso, primeiramente, que cada um se erga a uma consciência do mundo. A obra do mundo sobre o planeta está em pane. Conserta-la, salva-la, só será possível desta vez pelos grandes meios: uma revolução de ordem total, global, universal e radical. Radical porque descerá as raízes das coisas; universal, porque não poupará nenhum canto da terra; global, porque não será somente política ou social, mas científica, ecológica, ética. Ela deveria ser a última, porque, se não ocorrer, significará a abertura da crise em toda a sua potencialidade destrutora, cujas transformações sociais, políticas, físicas, ecológicas em seu seio terminarão por levar a humanidade ao fundo do abismo" (crise e revolução).

Como estes elementos da crise civilizacional em curso podem ser "vivos" no cotidiano? Quais instrumentos metodológicos são mais aptos a expressão destes valores nas atividades formativas?

2) Como vimos acima, a questão sindical é abordada na perspectiva do desenvolvimento integral. Que perspectiva estratégica cabe ao sindicalismo? Vejamos alguns elementos de conteúdo desta questão.

Para o movimento operário-sindical as condições e a organização do trabalho são objetos de reivindicações a curto e médio prazos: contratos coletivos, convenções, etc.

Contudo, a longo prazo são objetos de sonhos e utopias dos trabalhadores: a autogestão, a propriedade social dos meios de produção. Podemos assinalar a epopeia da classe operária da trajetória do ludismo, quando os operários quebravam as máquinas que provocavam desemprego, (refletindo uma consciência de antagonismo em relação às máquinas), até a autogestão, (refletindo a consciência de que o trabalho é riqueza acumulada pela humanidade) em que os meios de produção são socializados através da gestão pelos próprios produtores.

Com o processo em curso de desemprego estrutural e exclusão social, no qual milhões de trabalhadores foram jogados fora das fábricas, o que poderia ser um "novo ludismo"? O que pode ser uma "nova autogestão"?

Se nos primórdios da revolução industrial os trabalhadores quebravam máquinas que provocavam o desemprego, hoje o que lhes resta para quebrar?

Sem dúvidas, estes desempregados encontram-se nas ruas, praças, etc. Então, lhes resta quebrar as cidades, ruas, praças? O que tem ocorrido em cidades como Los Angeles, e na periferia de Paris. Entretanto, na perspectiva que caracterizou a consciência da autogestão, não lhes ficaria a tomada de consciência de que as ruas, praças, cidades são produto do seu trabalho? Como diria Rousseau: "As casas formam uma zona urbana, porém são os cidadãos que fazem a cidade". O espaço é uma das dimensões materiais fundamentais da sociedade e, as cidades são produzidas pela ação humana e, neste sentido, a cidade deve ser uma entidade política autogerida pelos cidadãos.

Boaventura Santos afirma que "A cidadania no espaço da produção econômica convoca de novo as comissões de trabalhadores a um papel mais central, a uma relação mais equilibrada entre sindicatos e comissões de trabalhadores e, sobretudo, a que uns e outros estejam mais dependentes do universo dos trabalhadores na produção... A cidadania fora do espaço da produção convoca o movimento sindical a articular-se com outros movimentos sociais progressistas: movimentos de consumidores, ecológicos, antirracistas, feministas, etc". Enfim, uma articulação da consciência operária com a consciência cidadã.

Como aquela consciência caracterizou a autogestão da produção, essa caracterizaria a gestão da cidade. Quais seus instrumentos de democracia direta? Orçamento participativo, processo constituinte da cidade, e outras formas do próprio movimento social.

Esta linha de desenvolvimento dos movimentos sociais recupera a reflexão de Manuel Castells e Milton Santos sobre o "espaço técnico informacional" (deste período de capitalismo mundializado) em relação às cidades. Castells apontava 3 objetivos dos movimentos sociais urbanos:

- 1) conquistar, para os cidadãos, uma cidade organizada em torno a seu valor de uso. Denomina de "sindicalismo de consumo coletivo";
- 2) busca da identidade cultural. A este movimento chamava de "comunidade";
- 3) busca de um poder crescente para o governo local, a descentralização dos bairros e a autogestão urbana, em contradição com o Estado centralizador e uma administração territorial subordinada. Chamava-o de "movimento cidadão".

Portanto, em contraposição a "cidade selvagem" do capitalismo informacional, a cidade como valor de uso; a cidade como redes de comunicação; a cidade como entidade política livre e autogerida.

Castells afirma que "a tendência para o centralismo estatal e a dominação do estado sobre a cidade opõe-se em todo o mundo um chamado popular e massivo em pro da autonomia local e da autogestão urbana. A revitalização da democracia depende da capacidade de estabelecer uma ponte entre as novas reivindicações, os novos valores e projetos, e as instituições que dirigem a sociedade (isto é, o Estado), baseando-se na crescente penetração destes por parte da sociedade civil, começando ali onde o povo pode participar de uma maneira mais ativa na tomada de decisões: nas instituições comunitárias do governo local, que estejam descentralizadas como é possível nos conselhos de bairro, sistema iniciado há 20 anos em Bolonha. Entre o Estado e seu indiferenciado hinterland, por uma parte, e a reivindicação de uma reserva urbana, por outra, parece surgir um novo projeto de autogestão capaz de reconstruir as relações entre Estado e a cidade com relação a sua própria base popular mutua".)

- 3) Por sua vez, em relação a Escala de Poder Local, enfocamos o que podemos chamar de "urbanismo de esquerda", ou, de como pensar o papel estratégico das cidades segundo um projeto nacional alternativo.

‘A era moderna caracteriza-se pela urbanização,degradação do conceito de cidade (civitas,corpo político de cidadãos livres) em urbe (conjunto de edifícios,praças,isto é,o facto físico da cidade)’(Bookchin)

Uma das principais contribuições para o debate sobre ""autogestão das cidades vem do anarquismo libertário, principalmente,da obra de Murray Bookchin, que desenvolveu diversas teses acerca da ação direta do cidadão na vida e na gestão da cidade.

Bookchin já tinha assinalado este deslocamento ou associação das lutas nas fabricas para os municípios. Bookchin critica a visão da autogestão centrada exclusivamente na economia,assim,afirma que a “autogestão, conceito fundamental a uma administração libertária da vida e da sociedade, foi preterida a favor de uma estratégia de gestão eficaz e rentável”.

A autogestão,“...compreendida somente em termos economicos, pode ocultar e diferir outras interpretações da palavra, nomeadamente aquelas que se prendiam com as ideias de federalismo municipal da sociedade medieval, das seções revolucionárias de 1793, e da Comuna de Paris”.

Bookchin associa diretamente autogestão, sindicalismo e tecnologia:

“Mas, para já,é cada vez mais evidente que hoje,quando falamos de autogestão, falamos, de uma forma ou de outra, de sindicalismo. Falamos de uma formação económica que se relaciona com a organização do trabalho, o emprego dos materiais e das máquinas, bem como com a repartição social dos recursos materiais. Em suma, nós falamos das técnicas ou da tecnologia”.

Para Bookchin,“a ideia de autonomia, entendida enquanto forma de autogoverno, aplica-se à sociedade enquanto um todo,e não apenas a economia...a autogestão significa hoje, antes de mais, a gestão das aldeias, dos bairros e das cidades...Nas duas grandes revoluções que abriram a época moderna, a revolução francesa e a independência americana,nós assistimos ao emergir de uma autogestão popular, nas assembleias de cidadãos, de Boston a Charleston, e nas seções de bairro em Paris”.

Na visão libertária de Bookchin, “a fábrica como “reino da necessidade”não pode ser o lugar da autogestão: “ela é uma escola de hierarquia, de autoridade e de submissão e não de emancipação”. Inspirado em Fourier, nosso autor conclama que “dada a situação da fábrica, é necessário, para ouvirmos os apelos da autogestão, irmos aos bairros e aos movimentos de moradores, aos movimentos feministas e ecológicos...a nova tecnologia pode ser o resultado de uma nova sensibilidade, de uma nova competência e de uma nova consciência”

Para Bookchin esta nova tecnologia (que chama de “tecnologia popular”), uma nova técnica, tem como fundamento que uma pequena cooperativa alimentar, um pomar comunitário,um pequeno moinho a vento, se podem ou não substituir, respectivamente,um supermercado, uma empresa agrícola industrial, uma central nuclear, não é a questão central.” O que importa é que estas cooperativas,estes pomares e estes moinhos são, de certo modo, o ressurgimento de uma capacidade de autodeterminação pessoal, inacessível as coisas maximizadas,e ainda ao ressurgimento de um sentimento de auto-competência,que em geral é negado ao cidadão comum”.

Nesta perspectiva,Bookchin construiu a ideia de “Municipalismo Libertário”, no qual, uma nova política implica a criação de uma esfera pública “de base”extremamente participativa, a nível da cidade, do campo, das aldeias e bairros. Seus fundamentos estão na ideia helenica de autonomia, na ideia de “autogoverno”. Autonomia ligada a governo social e cidadão ativo,à sociedade e não apenas a economia.

O termo economia significava a gestão da casa (oikos) e não da sociedade,e era por isso tida como uma atividade inferior,ainda que necessária, à gestão e à participação na comunidades e na polis”. Exercer um poder social, e dessa forma adquirir uma individualidade(um eu), pressupunha uma certa forma de lazer e uma liberdade material, adquiridas através de uma boa gestão do meio...a noção de autogoverno implicava, desde logo, o reconhecimento da competência do indivíduo...a democracia na cidade estava assente sobre um princípio básico de que qualquer cidadão podia exercer o poder, visto que possuía uma competência pessoal e uma lealdade indiscutível. A educação política do cidadão era, por conseguinte, uma educação da competência pessoal, da inteligência e, sobretudo, da retidão cívica e moral. A chamada eclesia ateniense, espécie de assembleia popular de cidadãos, que se reunia pelo menos quarenta vezes por ano, era então o terreno privilegiado para testar essa capacidade educativa. Mas a agora, praça pública onde os atenienses tratavam de todos os seus problemas, é que era, no fundo,a sua verdadeira escola”, conclui Bookchin.

“Mesmo que não exista na história, cidades que sejam modelo perfeito desse tipo de espaço público, porém, algumas cidades não eram predominantemente sociais (no sentido doméstico) nem estatais, mas, deram origem a um ordenamento social totalmente novo. Os casos mais marcantes foram os da antiga Helade e das cidades comerciais e artesanais da Itália medieval e da Europa Central...O que deve ser realçado, como de importância vital,é o fato destas cidades terem criado a esfera pública. Na agora das democracias gregas, no fórum da República Romana, no centro da cidade das comunas

medievais, ou na plaza da cidade renascentista, os cidadãos podiam congregar-se. Surgiu uma área radicalmente nesta esfera pública —a área política— baseada em formas de democracia, limitada mas muitas vezes participada, e um novo conceito de personalidade cívica: o cidadão”.

Bookchin enfatiza a formação de caráter (a noção grega de *paideia*), “Era necessário um ideal de serviço público que contrabalancasse os impulsos mesquinhos e egoístas e desenvolvesse o ideal de interesse geral”.

Em suma, o municipalismo libertário visa “recuperar práticas e qualidades de cidadania por forma a que, homens e mulheres, possam responsabilizar-se coletivamente pelo governo das comunidades em que estão inseridos, de acordo com uma ética de partilha e cooperação, ao invés de dependerem de elites. Uma vez criadas democracias diretas, os municípios democratizados poderiam unir-se em confederações que, em última análise, constituiriam um desafio ao capitalismo e ao Estado-Nação, conduzindo a uma sociedade libertária”.

“ Se a maquinaria contribuiu para o processo de alienação do trabalho, foi sobretudo a racionalização sistemática do trabalho que demoliu a estrutura técnica das sociedades autogeridas. Para Bookchin, o artesanato assenta sobre a habilidade pessoal e um reduzido campo técnico. A habilidade é a sua base de existência real. Com efeito, o artesanato assenta sobre a mobilidade das tarefas, a variedade, a motivação pessoal e o empenhamento de todo o corpo... A premissa que dá origem ao artesanato é então a seguinte; uma virtuosidade pessoal que passa por um saber tão ético, espiritual e estético como técnico”.

Em sua avaliação do “mundo técnico informatizado” Bookchin encontra-se com as ideias de Milton Santos; “A recente evolução tecnológica, social e cultural e seu desenvolvimento futuro poderá alterar a tradicional estrutura de classes criada pela revolução industrial e permitir que, da redefinição do interesse geral daí resultante, possa emergir novamente a palavra POVO no vocabulário radical. Não como abstração obscurantista, mas como expressão de estratos desenraizados, fluidos e tecnologicamente deslocados, não integrados numa sociedade cibernética e automatizada”.

Para Bookchin, é uma obrigação tentar opor a esta evolução social estatizante a ação política municipal. Um olhar atento sobre a história, nos mostra que “A revolução traduz-se sempre pelo aparecimento dum poder alternativo — sindicato, soviète, comuna— orientado contra o Estado”.

O pensamento de Bookchin não busca um retorno impossível a experiências do passado.” Não poderá, evidentemente, haver qualquer espécie de retorno a esses períodos. As suas limitações, de toda a ordem, são bem conhecidas. Mas as forças materiais que contribuíram para o seu desaparecimento definitivo são, também elas, mais transitórias do que se pensa”. Podemos dizer que é um dos muitos membros da sensibilidade romântica socialista e anti-capitalista (Michael Lowy).

II) Desenvolvimento metodológico dos conteúdos

Os cursos são iniciados com um momento de VIVÊNCIA do grupo. Nele, os educandos ocupam o espaço-sala, que se torna, então, um mapa da região Sul, em que cada um vai para o Espaço em que nasceu (passado); em seguida, cada cursista assinala sua “trajetória” migratória até o local em que vive/trabalha hoje. (presente). No próximo passo, cada um assinala sua perspectiva de vida/trabalho/estudo e as expectativas relacionadas ao curso (futuro).

Assim, é um exercício lúdico e participativo em torno de categorias fundamentais como passado, presente, futuro, além de espaço. São fundamentais para o posterior trabalho sobre projeto de desenvolvimento com as Escalas de tempo/espaço.

O Perfil da turma é construído, em seguida ao mapa, através de dinâmicas diversas, sempre com ocupação da sala (os educandos se movimentam agrupando-se segundo idade, sexo, escolaridade, etc.). Por exemplo: em relação ao trabalho com as escalas, destacamos 3 dados do perfil.

Total	turma 1	turma 2	turma 3	
Origem da militância				
Igreja	31	7	16	3
Sindical	47	4	12	31
Estudantil	25	5	6	14
Popular	11	4	1	6
Partidos	4	1	2	1
Sem militância	3	3	0	0
Tempo da militância				
Até 1 ano	5	0	1	4
De 1 a 5	29	4	3	17
De 5 a 10	33	3	3	17
Mais de 10	50	9	20	21

	Idade
Ate 20	7
De 21 a 35	66
De 36 a 45	30
De 46 a 55	17
Mais de 56	1

Estes 3 dados são fundamentais na abordagem metodológica dos conteúdos na linha das Escalas de tempo, sobretudo quando trabalhamos com o histórico e necessitamos analisar os movimentos, instituições, o país, etc. relativo as escalas de espaço, os dados sobre moradia dos educandos é fundamental. Assim, por exemplo: quantos moram em Porto Alegre, onde se dá uma experiência democrático-popular de gestão local. Também, os dados relativos as profissões: rurais, bancários, professores, etc.

A Equipe de sistematização coloca-nos outras questões:

"como o trabalho do curso favorece o desenvolvimento e articulação das diferentes dimensões dos saberes; tecnico-político; coletivo-individual; cognitivo-emocional; pontual-geral; tacito-formal; objetivo-subjetivo; e outras ?

Quais as etapas do curso que mais proporcionaram essas interrogações e como foram processadas?

Como o curso instrumentalizou os educandos no desenvolvimento de suas atividades para fazerem o diagnostico, mais ou menos estruturado, da situação na qual vão operar e a integrarem seus resultados com a proposta a desenvolver?"

Um outro aspecto importante a ser ressaltado, enquanto ponto de partida dos conteúdos em questão (desenvolvimento-democracia/cidadania) são os DIAGNOSTICOS construídos coletivamente pelos próprios educandos, a partir do conhecimento que tem de suas realidades (locais, regionais) Isto acontece ainda no Modulo 1. estes diagnósticos expressam ao nível do local/regional, as grandes questões que formam uma agenda para reflexão sobre projeto desenvolvimento nacional.

Podem abordar setores =

Industrial, serviços, rural, cultural, saúde, educação, transportes, financeiro, publico;

E/ou temas transversais: gênero, arca, ecologia.

Ainda no Modulo 1, estes diagnósticos são relacionados com as propostas da CUT (texto sobre Estratégia) sobre Política industrial e geração emprego renda

Política agrícola

Política agrária

Assalariados rurais

Política de cidadania

Reestruturação produtiva e reforma do Estado

Os diagnosticas são porta de entrada para o debate sobre as transformações contemporâneas e desenvolvimento, neste Modulo 1.

Os diagnósticos serão retomados no Modulo 3, também, para elaboração pelos educandos, de projetos de formação profissional para determinadas localidades.

Destacamos que, o trabalho INTER-MODULOS aporta vários elementos sobre as realidades locais/estaduais e/ou regionais. Assim,

- 1) a PESQUISA sobre as instituições locais que tem projetos de formação profissional; (Modulo 1 to modulo 2);
- 2) o LEVANTAMENTO de "dados" sobre a realidade local (forças políticas e econômicas, cultura etc.), feito para o trabalho de análise de conjuntura .(Modulo 2 to modulo 3).

Estes produtos da pesquisa/participativa são pontos de partida ,dentro do modulo em questão, para o desenvolvimento dos conteúdos.

A equipe de sistematização assinala a importância da "necessidade de criação de um instrumental para desenvolver temas novos que estão sendo trabalhados nos cursos, desde novas dimensões, de modo a possibilitar que os educandos os recriem sem eus contextos". E, também, a "necessidade de utilizar metodologias que favoreçam uma *racionalidade* que integre a estética, o emocional, o corpo, o espiritual e a razão".

É neste espírito pedagógico, que trabalhamos com as Escalas de tempo/espaço, associadas a metodologia de "visualização", em relação ao tema desenvolvimento (projeto de).

Portanto, vejamos como foram desenvolvidas, a nível metodológico, as diversas Escalas.

No Modulo 3, o trabalho foi iniciado pela Escala do cotidiano (conjuntura), por ser o mais próximo da experiência dos educandos. As Escalas que são mais trabalhadas são as de Estratégia, poder local e conjuntura. As outras são abordadas, através de recursos pedagógicos específicos, para permitir um debate sobre a importância delas, contudo, seria impossível operacionalizá-las.

Por exemplo, vejamos a narrativa deste momento nas três turmas do modulo 3.

TURMA 3.

O trabalho sobre conjuntura foi iniciado por uma atividade de 7 grupos com colagens (recortes de jornais e revistas). Qual o campo de questões que abrange uma análise de conjuntura? Somente política, economia? Após meia hora de trabalho, os grupos apresentaram o seguinte:

Grupo 1= através das colagens demonstra que a análise de conjuntura retrata um determinado local-espaco, levantando aspectos macros (política do governo federal FHC, Congresso, etc) e micros (trabalho, campo, riqueza x miséria).

Grupo 2= coloca imagens sobre aspectos da história nacional e mundial (presidente, FMI, mapa com continentes, neoliberalismo, Anne Frank)

Fatos que representam uma conjuntura mais global (terrorismo, grupos isolados x sistema, tecnologia)

Chamam a atenção para a questão tempo/espaco = acontecimentos e história.

Grupo 3= destaca um mapa dos continentes e a temática da globalização (poder público). "Existirmos a que será que se destina" (Caetano Veloso) - colocam esta frase para explicar uma pedra lunar e um cometa relacionando que a análise de conjuntura retrata acontecimentos e que, dentro de uma dimensão histórico-temporal seriam "passageiros".

Há elementos estruturais de fundo (capitalismo) e históricos: imagens de personagens históricos, além de fatos que demonstram que a questão do "poder", das decisões concentradas, ainda não mudou.

TURMA 2

TURMA 1

Os passos seguintes da nossa sistematização implicaria em analisar os seguintes pontos;

1. Tensões, Potenciais e necessidades presentes em cada escala de tempo/espaco;
2. ressaltar as categorias que emergem do relato-narrativa, ~isto é, o que constitui o "novo" teórico e metodológico

Entretanto, o tempo que tivemos para tarefa não foi suficiente para terminarmos estes pontos. A tarefa fica adiada para a reflexão da Escola quando das oficinas de preparação dos cursos de 1999, previstas para o mês de abril.